

## A noção de trauma em Freud e Winnicott

Leopoldo Fulgencio

PUC-SP/Centro Winnicott de São Paulo

E-mail: leopoldo@centrowinnicott.com.br

**Resumo:** O objetivo desta apresentação é comentar as diferenças entre a noção de trauma em Freud e em Winnicott. Mostra-se que Freud concebeu a noção de trauma como uma excitação não descarregada, usando a histeria como modelo, e enfatizando que essa noção de trauma é construída com a ajuda de conceitos especulativos. Em seguida, comenta-se que para Winnicott o trauma não é pensado em função do ponto de vista econômico, nem basicamente como de natureza sexual, nem centrado no complexo de Édipo, mas diz respeito às falhas ambientais que interrompem a continuidade de ser. Procura-se, nesse sentido, explicitar que a noção de trauma em Winnicott é concebida em termos da quebra na confiabilidade do ambiente. Ao mostrar que, para Winnicott, a noção de trauma tem significados diferentes em função do momento do processo de amadurecimento no qual ele ocorre, também procura-se caracterizar o modo como Winnicott teoriza.

**Palavras-chave:** Freud; trauma; libido; metapsicologia; Winnicott; processo de amadurecimento; continuidade de ser.

**Abstract:** The intention of this presentation is to comment on the differences between the notions of trauma in Freud and Winnicott. As such, it will be demonstrated how Freud conceived of trauma as unreleased excitement, using hysteria as a model, and emphasized that his concept of trauma is constructed with the aid of speculative auxiliary concepts. Next, it will be demonstrated that for Winnicott the notion of trauma is not conceived of in function of an economic

point of view, nor, basically, of sexual nature, nor centered on Oedipus Complex, but it is related to environmental failures that interrupt the continuation of being. As such, we try to explain that the notion of trauma in Winnicott is conceived of in terms of breakage in the environment's trustfulness. In showing that, for Winnicott, the notion of trauma expresses itself in diverse meanings it is also noted that this is one of the characteristics of his theorizing, in that concepts have their meaning and their language in terms of the moment in which they are inserted in the process of maturation.

**Key-words:** Freud; Trauma; Libido; Metapsychology; Winnicott; Maturational Processes; Continuation of Being.

### A noção de trauma em Freud

Freud construiu sua noção empírica de trauma a partir do tratamento de seus pacientes neuróticos, em especial, do que ocorria com a histeria, observando que seus pacientes sofriam por causa de acontecimentos (reais ou fantasiados) ocorridos no passado. Antes mesmo de Freud ter criado a teoria psicanalítica, a histeria já era concebida como uma psicopatologia que tinha, na sua origem, um acontecimento traumático de natureza emocional, muitas vezes de conteúdo sexual, ainda que ela só pudesse ocorrer naquelas pessoas predispostas (organicamente) a esse tipo de afecção. Um estudo da história da psiquiatria pode mostrar como a histeria foi vagarosamente reconhecida como entidade mórbida ao longo do século XIX, para ser, ao final desse século, tomada como patologia clínica modelar a partir da qual todas as outras psiconeuroses eram analisadas (cf. Ellenberger, 1994 [1970], pp. 139-210).

Quando Freud foi a Paris, em 1884, e entrou em contato com os ensinamentos de Charcot, ele reformulou a compreensão que tinha sobre a histeria, reconhecendo nessa patologia tanto os fatores psicogênicos quanto a importância dos fatores sexuais. Será nessa direção que ele aprofundará suas pesquisas. O tratamento de pacientes histéricos forne-

ceu-lhe um amplo campo de observação clínica, no qual ele pôde constatar que todos os seus pacientes tinha sido traumatizados por acontecimentos de natureza sexual. Na teoria inicial, o trauma foi considerado como um acontecimento real e, depois, como sabemos, um acontecimento imaginário. É nessa passagem da teoria da sedução para a teoria do fantasma que está inserida uma nova maneira de explicar a presença de fatores sexuais na produção dos sintomas neuróticos:

Entre 1888 e 1893, Freud forja um novo conceito de histeria. Ele retoma de Charcot a idéia da origem traumática. Mas, por meio da teoria da sedução, ele afirma que o trauma tinha causas sexuais, sublinhando que a histeria era o fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância. No fim do século [XIX], todos os especialistas das doenças nervosas reconheciam a importância do fator sexual na gênese dos sintomas neuróticos, e especialmente da histeria. Mas nenhum deles sabia como teorizar essa constatação. Foi Freud que resolveu a questão. Num primeiro momento, até 1897, ele adotou as idéias partilhadas por numerosos médicos da época e laborou a teoria da origem traumática (sedução real). Depois, num segundo momento, ele renunciou a essa teoria para inventar a noção de fantasia e apropriar-se da de libido da sexologia. (Roudinesco e Plon, 1997, p. 471, verbete “Hysteria”)

A introdução da noção de libido é extremamente significativa para a compreensão da noção freudiana de trauma. A natureza da teoria da libido, como um tipo de energia que é represada, desviada ou descarregada, será uma das construções auxiliares especulativas que fará a diferença entre a concepção psicanalítica freudiana de trauma e as concepções médicas ou de outras psicologias sobre o mesmo tema. Essa construção auxiliar é, no dizer do próprio Freud, uma especulação cuja validade deve ser medida não porque algum dia uma energia será descoberta, mas porque ao utilizar essa construção é possível chegar a explicações úteis e operativas para o tratamento das psiconeuroses. Diz Freud:

[...] exporei em poucas palavras a representação auxiliar da qual me servi nesta exposição das neuroses de defesa. É a seguinte: nas funções psíquicas, cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as proprieda-

des de uma quantidade – ainda que não haja meio algum de medi-la –; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se difunde pelas marcas mnêmicas das representações, como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. (1894a, p. 60)

Esse conceito quantitativo é apenas uma especulação e Freud diz que seu uso só se justifica pelo fato de auxiliar a organização dos dados empíricos (ibid., p. 61), não por corresponder a um possível elemento nos fenômenos.

Aqui, podemos caracterizar claramente a diferença entre o trauma pensado em termos empíricos (psicológicos) – referido a conflito entre idéias (conscientes e inconscientes), conflito entre o eu, enquanto um conjunto de representações fortes, e representações incompatíveis com o eu, conflito entre desejos (conscientes e inconscientes) – e o trauma pensado em termos metapsicológicos – referido a um *quantum* de afeto ou uma energia (a libido) que pode movimentar-se parcial ou totalmente em relação às idéias a elas conectadas, num aparelho psíquico impulsionado por pulsões. Articulando os aspectos psicológicos e metapsicológicos para definir o que é um trauma, Freud diz:

Pode-se mesmo dizer que o termo “traumático” não tem outro sentido que econômico. Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético. (1916-17, p. 275)

Laplanche e Pontalis comentam a perspectiva teorizada por Freud:

O afluxo de excitações é excessivo relativamente à tolerância do aparelho psíquico, quer se trate de um só acontecimento muito violento (emoção forte) ou de uma acumulação de excitações cada uma das quais, tomada isoladamente, seria tolerável; o princípio de constância começa por ser posto em xeque, pois o aparelho não é capaz de descarregar a excitação. (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 501, verbete “Trauma ou traumatismo (psychique)”)

Note-se também, que no comentário dos autores do *Vocabulário de Psicanálise*, outros conceitos metapsicológicos são acrescentados – como parte do aprofundamento da concepção freudiana de trauma (sejam as da primeira, sejam as da segunda tópica) –, além da noção de *libido*, tais como o de *aparelho psíquico* com suas *instâncias*, as de forças psíquicas ou *pulsões*. A própria noção de trauma psíquico é pensada em termos analógicos, transpõe-se para o plano psíquico o que era pensado no plano orgânico: “A psicanálise retomou estes termos (em Freud apenas encontramos *Trauma*), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: a de um choque violento, a de uma efração e a de conseqüências sobre o conjunto da organização” (ibid.).

Ao considerar o trauma como um afluxo excessivo de excitação, Freud acaba por considerar que a própria constituição do psiquismo é fruto desses resíduos energéticos, ocasionados pela proibição ou renúncia das satisfações pulsionais, ou seja, o pensamento e o próprio psiquismo adviriam da impossibilidade de descarga de excitações, desviadas, então, para outros fins que não a satisfação do princípio do prazer. No processo de constituição do próprio psiquismo ocorre um processo no qual as excitações não são diretamente passíveis de descarga, caso contrário o homem funcionaria apenas pelo princípio do prazer, tornando impossível a organização cultural, o que implica não só uma renúncia, mas também a retenção de uma quantidade de energia que deverá procurar outra via de descarga. Diz Freud, no *Futuro de uma ilusão*: “Parece, sobretudo, que toda a cultura deve necessariamente se edificar sobre a coerção e a renúncia pulsional” (Freud, 1927c, p. 7).

Ao retomarmos a teoria do desenvolvimento da sexualidade ou, noutros termos, a teoria do desenvolvimento da libido, trata-se sempre da mesma questão em relação ao trauma: como são desviadas e deslocadas as quantidades excessivas de excitações que advêm de acontecimentos que a criança não pode descarregar? No processo de constituição do psiquismo, analisado por Freud como fruto do desenvolvimento da própria sexualidade, caberá ao complexo de Édipo o acontecimento central e organizador da própria sexualidade, tanto no sentido amplo como no restri-

to.<sup>1</sup> Para Freud não se trata apenas da constituição do indivíduo, mas da própria cultura e de suas instituições. Freud o reconhece como o fato universal que constitui todo ser humano neurótico e chega até mesmo a se surpreender pelo fato de que a noção de Édipo possa abarcar elementos assim tão diversos:

Gostaria, ao fim desta investigação condensada ao extremo, de enunciar este resultado: no Complexo de Édipo convergem os começos da religião, da moralidade, da sociedade e da arte, em perfeita concordância com o que constata a psicanálise, a saber, que o complexo forma o núcleo de todas as neuroses, tanto quanto elas se deixaram compreender, por nós, até aqui. Aos meus olhos, é uma grande surpresa que os problemas da vida da alma dos povos sejam susceptíveis de serem resolvidos, eles também, a partir de um único ponto concreto, como o da relação com o pai. (Freud, 1912-13, p. 156)

Pode-se concluir que a noção freudiana estabelece que o trauma é um acontecimento de natureza psíquica, no qual o indivíduo está sujeito a uma excitação que não pode ser eliminada (seja por proibição seja por incapacidade devido ao momento de seu desenvolvimento psíquico), que essa excitação é sempre de natureza sexual ou diz respeito a relações com objetos marcados por excitações do tipo eróticas, que essa noção de trauma está intimamente ligada à idéia de que o bebê ou a criança, desde o início mais tenro, já reconhece determinados objetos (sejam pessoas, sejam partes de pessoas ou objetos propriamente ditos) como aquilo que, reconhecidos como objetos externos (ainda que sejam elementos de sua fantasia), podem servir para eliminar uma determinada excitação, e que é a vivência do complexo de Édipo, em termos sempre traumáticos, já que

---

<sup>1</sup> “Diz-se adequadamente que o Complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e constitui o elemento essencial de seu conteúdo. Nele culmina a sexualidade infantil, a qual influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto por seus efeitos posteriores. Cada novo recém-chegado no mundo humano é colocado no dever de chegar ao fim do Complexo de Édipo; aquele que não chega a isso é levado à neurose. O progresso do trabalho psicanalítico sublinhou sempre, de maneira muito clara, essa significação do Complexo de Édipo; o reconhecimento de sua existência tornou-se o xibolote que distingue os partidários da psicanálise de seus adversários” (Freud, 1905d, p. 128, nota 3, acrescentada em 1920).

a realização de todos os desejos aí envolvidos implicariam a própria destruição do indivíduo e da cultura. A sexualidade é, pois, sempre traumática e edípica, ela é, para Freud, o aspecto da existência do ser humano que está na base da existência e das relações inter-humanas, seja no seu sentido individual seja no cultural. Tudo passa a ser entendido como uma questão de sublimação da sexualidade ou de dificuldades dessa sublimação ou, ainda, de sua realização sempre impossível na sua totalidade.

Note-se, ainda, que o trauma para Freud ocorre na conjunção de dois acontecimentos separados pelo tempo. Num primeiro momento ocorre uma vivência – real ou imaginária – de caráter sexual, mas que não tem, para a criança, um significado sexual, essa situação é experienciada como uma excitação que não encontra meios de ser totalmente descarregada. Num momento posterior – com o desenvolvimento da criança, a passagem pela puberdade e a ascensão ao sentido propriamente sexual das excitações corporais – há uma segunda vivência que, tendo uma certa analogia com a primeira (não raro, uma analogia muito distante), é experienciada como uma vivência associada a uma emoção de natureza sexual, mesmo que essa segunda vivência nada tenha, objetivamente falando, de sexual. Essa segunda cena é, nesse mesmo momento, associada à primeira, resignificando o acontecimento infantil como de natureza sexual, dando, então, a essa primeira vivência um caráter tanto sexual quanto traumático.

A noção de trauma exige que, desde o início, exista um indivíduo amadurecido, ou seja, exige que exista uma unidade que reconhece em seu interior uma excitação, uma excitação que é vivida como algo a ser eliminado; uma excitação que é, inclusive, vivida como um conflito entre desejos de uma mesma unidade, desejos irreconciliáveis; mais ainda, esse indivíduo já precisa estar maduro para estabelecer relações com objetos externos a ele (objetos por meio dos quais as intensidades vividas podem encontrar seu fim, a eliminação da tensão).

Ao explicitar sua noção de trauma, Freud usa tanto formulações empíricas como conceitos metapsicológicos, tais como o de aparelho psíquico, libido, pulsão. Assim, uma última questão poderia ser colocada: por que Freud introduziu conceitos metapsicológicos para pensar a noção

de trauma? Trata-se, para ele, de seguir um modelo de ciência no qual ele foi formado. Para ele, a descrição dos fatos diz apenas como as coisas se apresentam e não como elas são produzidas, o que deixa lacunas nas explicações, essas lacunas podem ser preenchidas com o auxílio de conceitos e modelos especulativos que ajudam na observação e organização dos dados empíricos. Analisei noutro lugar a natureza e função das especulações metapsicológicas de Freud, concluindo que

[...] a metapsicologia não pode explicar os fenômenos clínicos nem constituir o sentido, ou parte do sentido, desses fenômenos, caso a palavra fenômeno seja tomada de acordo com o uso habitual, designando algo acessível à experiência clínica. A sua função é a de auxiliar a organização dos fatos, tornando possível estruturá-los e relacioná-los; ela é um construto para conectar as descrições e uma orientação-guia para procurar (observar) novos dados. As especulações metapsicológicas não são nem fornecem explicações, mas estabelecem um quadro e uma direção para a busca de explicações factuais (empíricas) sobre os fenômenos psíquicos. (Fulgencio, 2003, p. 157)

Ante o reconhecimento empírico de que seus pacientes passaram por situações nas quais seus desejos não podiam ser satisfeitos, Freud utilizou uma analogia, considerando o indivíduo tal qual um aparelho, movido por forças e energias, cujo objetivo último seria a eliminação da tensão represada, concebendo todo trauma como uma excitação de natureza sexual, cujo cenário maior é dado pelo complexo de Édipo, não adequadamente descarregada pelo indivíduo.

### A noção de trauma em Winnicott<sup>2</sup>

Winnicott, que tinha em seu horizonte clínico pacientes e situações diferentes das de Freud, ao menos em parte diferentes – por ser também

---

<sup>2</sup> O estudo da noção de trauma em Winnicott não tem sido abordado pelos estudiosos desse autor. O primeiro a tratar desse tema de forma sistemática é Elsa Oliveira Dias, na sua tese de doutorado, *A teoria das psicoses em D. W. Winnicott*. Nesse análise, ainda não publicada, Dias não só distingue os diversos sentidos da noção de trauma nesse autor, como também analisa sua dimensão temporal. Cf. Dias 1998.



pediatra que tratava dos bebês e suas mães, bem como um psicanalista que atendia pacientes psicóticos –, logo percebeu que, no início do processo de amadurecimento do ser humano, não havia um indivíduo maduro para estabelecer relações com objetos reconhecidos como externos a ele. Ou seja, inicialmente não existia aquela maturidade acima citada. Sua concepção do que ocorre nos períodos primitivos do amadurecimento pessoal mostrou que só tardiamente é que ocorrerá um tipo de integração na qual existirá um eu separado de um não-eu, com o reconhecimento possível de objetos objetivamente dados, em relação aos quais a criança poderá desejar, sentir falta deles, usá-los para satisfazer ou eliminar suas excitações, etc. A análise das raízes da sexualidade segundo a perspectiva estabelecida por Winnicott, bem com das raízes da agressão, mostram que tanto uma como outra (sexualidade e capacidade para agredir intencionalmente) são aquisições a serem feitas no processo de amadurecimento.

Ao pensar como ocorre a constituição pessoal e cultural do ser humano, Winnicott não as concebeu como fruto de energias que não puderam ser descarregadas. Para ele, o ser humano não é um aparelho que procura livrar-se de suas excitações, mas uma pessoa que necessita existir e continuar existindo; ele observou que uma longa série de cuidados e acontecimentos relativos à interação com o ambiente eram necessários para que um bebê pudesse passar do estado de não integração no qual nasce, para um estado de identidade unitária; que, na primeira etapa do processo de amadurecimento, não há, ainda, essa unidade e que uma série de integrações precisariam ser processadas para que possa emergir um eu separado do não-eu; mais ainda, que diversas aquisições deverão ser feitas para que o indivíduo possa ter a possibilidade de estabelecer relações a três termos, reconhecendo a si-mesmo e ao outro enquanto pessoas inteiras e tendo, pois, um sentimento de responsabilidade para com esse outro. No ponto de vista de Winnicott, só após um longo período inicial de amadurecimento é que uma criança poderá viver situações do tipo das descritas por Freud em termos do complexo de Édipo.

O conjunto das observações clínicas de Winnicott levou-o a pensar o trauma como uma ruptura na linha da vida. Trata-se, para ele, de um acontecimento que diz respeito à preservação e continuidade do si mesmo numa relação inter-humana. Diz Winnicott: “A idéia de trauma envolve uma consideração de fatores externos; em outras palavras é pertinente à dependência. O trauma é um fracasso relativo à dependência” (1989d, p. 145; tr. p. 113). Ao tratar da comunicação silenciosa na experiência de mutualidade entre as mães e seus bebês, Winnicott também especifica o que ele considera como traumático:

A comunicação “silenciosa” é uma comunicação de confiabilidade que, na realidade, protege o bebê quanto a *reações automáticas* às intrusões da realidade externa, com estas rompendo a linha da vida do bebê, dando lugar a traumas. Um trauma é aquilo contra o que um indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém, seguido talvez por uma reorganização de defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma. (Winnicott, 1970b, p. 259; tr. p. 201)

Mas quais tipos de acontecimentos empíricos devem ser considerados traumáticos? Para Winnicott, o que se entende por trauma depende do momento em que a criança está no seu processo de crescimento, um crescimento que vai da dependência absoluta em direção à independência relativa, da primeira infância para maturidade plena.<sup>3</sup> Trata-se, pois, para Winnicott, de considerar diversos sentidos do que se entende por trauma, referindo cada um deles a uma etapa do processo de amadurecimento.

Neste artigo não tenho como objetivo analisar cada uma das fases do processo de amadurecimento para, então, caracterizar os diversos sentidos da noção de trauma para Winnicott, mas sim apresentar o ponto de vista de Winnicott, diferenciando-o do de Freud. Nesse sentido, reto-

<sup>3</sup> Note-se claramente que a teoria do amadurecimento pessoal proposta por Winnicott é mais ampla do que a teoria da sexualidade formulada por Freud, ela não só abarca a teoria da sexualidade como a redescreve. Para uma análise mais detalhada da teoria do amadurecimento de Winnicott, veja Dias, 2003.

marei o artigo “O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família”, escrito em 1965, no qual Winnicott fornece uma classificação dos diversos tipos de traumas que podem ocorrer no processo de amadurecimento, não numa análise exaustiva do tema, mas apenas indicando um caminho de pesquisa a ser aprofundado.<sup>4</sup>

Primeiro, o mais grave dos traumas, aquele que tornará impossível ou precária a organização do si mesmo e a estruturação da personalidade. Para Winnicott, esse tipo de trauma corresponde a uma falha do ambiente no atendimento à necessidade básica do bebê: a de ser e continuar sendo. Esse tipo de falha prejudica a realização das tarefas básicas do processo de amadurecimento: a integração temporal e espacial do bebê, o estabelecimento da parceria psique-soma e a constituição do si mesmo.

Segundo, o trauma relativo ao momento em que o bebê, estando num mundo ou numa realidade totalmente subjetiva, precisa, gradualmente, seguir uma trajetória em direção à possibilidade de relação com um mundo objetivamente dado, afastando-se, pois, de seu campo de onipotência. Evidentemente, trata-se de uma longa jornada até o amadurecimento que torna possível à pessoa relacionar-se com o mundo objetivamente dado como externo a ela, mas uma trajetória do amadurecimento nessa direção precisa ser sustentada e facilitada pelos cuidados maternos para que isso possa ocorrer. Nesse momento em que se inicia essa trajetória, o ambiente (a mãe) precisa passar de uma adaptação quase que abso-

---

<sup>4</sup> Indico aqui alguns dos textos de Winnicott nos quais aparecem comentários sobre o que é considerado traumático: em 1965j, o trauma é tratado como uma violação do si-mesmo (p. 187; tr. p. 170); em 1958c, como privação; em 1954a, como inconstância do ambiente levando a uma hiperatividade do funcionamento mental (pp. 245-248; tr. pp. 334-338); em 1960c, como aniquilação do indivíduo cuja continuidade do ser sofreu uma interrupção (p. 47; tr. p. 47); em 1965n, como associado às ansiedades ou agonias impensáveis (p. 58, tr. p. 57); em 1967b, como ausência da mãe por tempo excessivo (p. 97; tr. p. 135); em 1971q, como ameaça de separação (p. 108; tr. p. 150). Essa não é, evidentemente, uma lista exaustiva, servindo aqui apenas para indicar um quadro geral no qual são apontados diversos sentidos da noção de trauma.

luta para uma adaptação relativa às necessidades do bebê. Ou seja, ela precisa falhar na sua adaptação, caso ela não falhe, então, isso sim será traumático para o bebê.

Terceiro, considerando que o bebê ou a criança já tenham amadurecido a ponto de ter construído uma capacidade para “acreditar em...”,<sup>5</sup> capacidade adquirida como resultado dos cuidados adequados de um ambiente confiável (quer dizer, previsível), então poderá ocorrer um outro tipo de trauma: a falha ambiental que retira a confiabilidade no ambiente. Esse tipo de falha pode levar a criança, por exemplo, a exigir que o ambiente volte a ser confiável, atacando esse ambiente na esperança de que este a sustente (como ocorre no caso da privação e seu conseqüente sintoma, a atitude anti-social), ou ainda, numa outra direção ainda mais grave, pode ocorrer, como resultado dessa falha ambiental, uma perda quase que definitiva da confiança e da esperança, perda da “fé em ...”.

Quarto. Num momento em que a criança já alcançou sua integração enquanto um si mesmo unitário, tendo diferenciado eu de não-eu, mundo interno de mundo externo, momento em que ela já está apta para relacionar-se com pessoas inteiras, ela poderá ser traumatizada no sentido de ser ferida nessas relações. Para Winnicott, só depois de ter atingido esse estágio de integração é que seria possível conceber o complexo de Édipo e o complexo de castração como fonte de traumas (feridas) para uma pessoa.

E, por último, o quinto sentido, focado ainda na questão da continuidade de ser, Winnicott dirá que o trauma é um tipo de “destruição da pureza da experiência individual” causada por uma invasão “súbita ou imprevisível de fatos reais” (1989d, p. 147; tr. p. 114).

É importante ressaltar que todos esses sentidos do trauma são pensados em termos relacionais, de tal maneira que o ponto de vista econômico (quantidade de excitação não passível de descarga) praticamente

---

<sup>5</sup> Essa capacidade tem na sua base a *ilusão de onipotência* como uma experiência vivida pela criança, advinda da adaptação adequada do meio-ambiente (a mãe) às suas necessidades, no período de dependência absoluta.

desaparece, dado que não são as intensidades energéticas que caracterizam o trauma, mas o que determinado tipo de relação inter-humana significa em termos da continuidade de ser e da confiabilidade no ambiente.

Nessa perspectiva, não seria, pois, o trauma sexual que estaria na origem da constituição do indivíduo, muito menos da cultura, dado que nem o indivíduo nem a cultura são pensados como sublimações dos impulsos sexuais, mas como frutos dos cuidados e da sustentação do ambiente que facilita e dá condições para ser e continuar sendo nas relações inter-humanas. É o cuidado e não o trauma que está na base da constituição do si-mesmo e da vida cultural. Quando a criança amadureceu a ponto de ter uma identidade unitária, ela poderá viver as relações inter-pessoais como relações de três termos, nas quais teria sentido pensar o que ocorre com ela em termos do complexo de Édipo e do complexo de castração, mas, antes disso, Winnicott considera errôneo pensar o que ocorre, nessa fase mais tardia do amadurecimento, nesses termos. Ele mesmo faz questão de dizer que, para ele, a linguagem que usa para cada fase do amadurecimento “cresce, por assim dizer, com o crescimento da criança” (Winnicott, 1964g, p. 9; tr. p. 9); e, ainda de forma mais explícita, ele afirma que a “linguagem de uma parte [do processo de amadurecimento] torna-se uma linguagem errada para outra parte” (ibid., 1988, p. 34; tr. p. 52, tradução corrigida). Mais ainda, ao introduzir outros determinantes para o processo de amadurecimento também seremos obrigados a considerá-los quando estivermos analisando o que ocorre com a criança no momento em que ela vive o Édipo e a castração ou, noutros termos, será preciso redescrever esses acontecimentos e os eventuais traumas (como indiquei, para esses momentos Winnicott prefere o termo *feridas*) que podem daí decorrer.

Note-se que a maneira como Winnicott teoriza a noção de trauma não precisa da noção de pulsão, de libido, nem mesmo da de um aparelho psíquico com suas instâncias. Ele não precisa de metáforas ou analogias com sistemas maquínicos; para ele, o trauma é explicado em termos das relações inter-humanas, comentando aquilo que a própria

observação pode comprovar, sem necessidade, pois, de uma metapsicologia. Além disso, ao conceber o trauma nessa outra perspectiva das relações inter-humanas e do amadurecimento pessoal, seja na saúde seja na doença, Winnicott também recoloca o problema clínico do tratamento das pessoas que sofreram ou sofrerão esses traumas.

### Referências

- Dias, Elsa O. 1998: *A teoria das psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.
- \_\_\_\_\_. 2003: *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago.
- Fulgencio, Leopoldo 2003: "As especulações metapsicológicas de Freud", *Natureza Humana*, v. 5, n. 1, janeiro-julho 2003, pp. 127-164.
- Ellenberger, Henri F. 1994 [1970]: *Histoire de la découverte de l'inconscient*. Mesnil-sur-l'Estrée, Fayard.
- Freud, Sigmund 1953-74: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (SE). 24 v. Tradução de James Strachey et al. London, The Hogarth Press.
- \_\_\_\_\_. 1894a: "The Defense Neuro-Psychoses". SE 3.
- \_\_\_\_\_. 1900a: *The Interpretation of Dreams*. SE 4 e 5.
- \_\_\_\_\_. 1905d: *Three Essays on the Theory of Sexuality*. SE 7.
- \_\_\_\_\_. 1912-13: *Totem and Taboo*. SE 13.
- \_\_\_\_\_. 1916-17: *A General Introduction to Psychoanalysis*. SE 15 e 16.
- \_\_\_\_\_. 1927c: *The Future of an Illusion*. SE 21.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean-Bertrand 1967: *Vocabulaire de psychanalyse*. Paris, PUF, 1994.
- Roudinesco, Elisabeth e Plon, Michel 1997: *Dictionnaire de la psychanalyse*. Évreux, Fayard.

- Winnicott, Donald W. 1954a: "Mind and its relation to the psycho-soma" ("A mente e sua relação com o psicossoma"), in Winnicott 1958a.
- \_\_\_\_\_ 1958a: *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. London, Karnac Books and The Institute of Psycho-Analysis, 1992. (*Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.)
- \_\_\_\_\_ 1958c: "The antisocial tendency" ("A tendência anti-social"), in Winnicott 1984a.
- \_\_\_\_\_ 1960c: "The theory of the parent-infant relationship" ("Teoria do relacionamentopaterno-infantil"), in Winnicott 1965b.
- \_\_\_\_\_ 1964a: *The Child, the Family, and the Outside World*. USA. A Merloyd Lawrence Book, 1987. (Trad. bras. Álvaro Cabral: *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.)
- \_\_\_\_\_ 1964g: "Introduction" ("Introdução"), in Winnicott 1964a.
- \_\_\_\_\_ 1965b: *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. London, Karnac Books, 1990. (Trad. bras. Irineo Constantino Schuch Ortiz: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.)
- \_\_\_\_\_ 1965j: "Communicating and not communicating leading to a study of certain opposit" ("Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos"), in Winnicott 1965b.
- \_\_\_\_\_ 1965n: "Ego integration in child development" ("A integração do ego no desenvolvimento da criança"), in Winnicott 1965b.
- \_\_\_\_\_ 1967b: "The location of cultural experience" ("A localização da experiência cultural"), in Winnicott 1971a.
- \_\_\_\_\_ 1970b: "The mother-infant experience of mutuality" ("A experiência mãe-bebê de mutualidade"), in Winnicott 1989a.
- \_\_\_\_\_ 1971a: *Playing and Reality*. London, Tavistock Publications, 1996. (Trad. bras. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.)
- \_\_\_\_\_ 1971q: "The place where we live" ("O lugar em que vivemos"), in Winnicott 1971a.

- Winnicott, Donald W. 1984a: *Deprivation and Delinquency*. Londres, Tavistock-Routledge. 1994. (Trad. bras. Álvaro Cabral: *Privação e delinqüência*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.)
- \_\_\_\_\_ 1987a: *Babies & Their Mothers*. London, Free Association Books. (Trad. bras. Jefferson Luiz Camargo: *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.)
- \_\_\_\_\_ 1988: *Human Nature*. London, Free Association Books. (Trad. bras. Davi Bogomoletz: *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.)
- \_\_\_\_\_ 1989a: *Psycho-Analytic Explorations*. Londres, Karnac Books, 1989. (Trad. bras. José Octavio de Aguiar Abreu: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.)
- \_\_\_\_\_ 1989d: "The concept of trauma in relation to the development of the individual within the family" ("O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família"), in Winnicott 1989a.

Recebido em 11 de novembro de 2004.

Aprovado em 13 de dezembro de 2004.